

**POÉTICA DA MASCULINIDADE EM RUÍNAS:
um livro que perpassa obras poéticas visuais e narrativas**

Luíza Rodrigues Garbin¹

RESUMO

Este texto busca apresentar uma resenha da obra *Poética da masculinidade em ruínas: o amor em tempos de AIDS*, organizada por Anselmo Peres Alós. O livro em questão traz luz a temáticas significativas para os estudos de gênero e literatura ao abordar o impacto sociocultural da epidemia da AIDS a partir da década de 1980. Refletir acerca destes textos justifica-se pela necessidade de compreender como os discursos literários e artísticos desafiam as normativas heteronormativas e revelam as experiências marginalizadas de sujeitos cujas histórias são frequentemente silenciadas. Por meio de uma coletânea de treze artigos, a obra analisa textos literários, cinematográficos e autobiográficos de figuras como Caio Fernando Abreu e Reinaldo Arenas, revelando as tensões entre identidade, opressão e resistência. Além disso, explora a forma como a literatura e as artes visuais traduzem as vivências e os dilemas de indivíduos afetados pela AIDS, com base em referenciais teóricos de autoras como Judith Butler e Monique Wittig. Essa abordagem promove uma reflexão crítica sobre os regimes de poder que moldam as representações de gênero, sexualidade e saúde, contribuindo para os debates acadêmicos contemporâneos sobre exclusão, memória e justiça social.

Palavras-chave: estudos de gênero, literatura, AIDS, masculinidade, representatividade.

**POETICS OF MASCULINITY IN RUINS:
a book exploring visual and narrative poetic works**

ABSTRACT

This text presents a review of the book *Poética da masculinidade em ruínas: o amor em tempos de AIDS*, organized by Anselmo Peres Alós. The book sheds light on significant themes for gender and literary studies by addressing the sociocultural impact of the AIDS epidemic from the 1980s onward. Reflecting on these texts is justified by the need to understand how literary and artistic discourses challenge heteronormative norms and reveal the marginalized experiences of individuals whose stories are often silenced. Through a collection of thirteen essays, the work analyzes literary, cinematic, and autobiographical texts by figures such as Caio Fernando Abreu and Reinaldo Arenas, uncovering the tensions between identity, oppression, and resistance. Additionally, it explores how literature and visual arts convey the experiences and dilemmas of individuals affected by AIDS, grounded in theoretical frameworks by scholars such as Judith Butler and Monique Wittig. This approach fosters a critical reflection on the power

¹ Graduanda do curso de Licenciatura em Letras – Habilitação em Português e Literaturas em Língua Portuguesa na Universidade Federal de Santa Maria, luiza.garbin@acad.ufsm.br.

structures shaping representations of gender, sexuality, and health, contributing to contemporary academic debates on exclusion, memory, and social justice.

Keywords: gender studies, literature, AIDS, masculinity, representation.

RESENHA

*O meu amor agora está perigoso. Mas não faz mal,
eu morro mas eu morro amando*
(Agenor de Miranda Araújo Neto - Cazuzza)

Essa frase de Cazuzza, em uma entrevista para a *Folha de São Paulo*, no ano de 1989, reflete a realidade, que a partir do início dos anos oitenta do século XX, passou a preocupar uma grande parcela da população global: a epidemia da síndrome da imunodeficiência adquirida, ou aids, como é popularmente conhecida.

Os primeiros casos foram diagnosticados nos Estados Unidos, e, a partir de análises, percebeu-se que a incidência era predominantemente entre homossexuais. Não tardou para que a homossexualidade fosse associada com os resultados positivos nos testes, e o preconceito, que já existia severamente, ganhou mais força, tornando-se uma nova “justificativa” para discriminações pautadas em discursos conservadores e violentos. Termos como GRID (*Gay Related Immunodeficiency*), peste gay, peste rosa e câncer gay foram usados, inclusive nos meios científicos, para apelidar o vírus e discriminar os pacientes recém diagnosticados. No Brasil não foi diferente. No ano de 1983, com a morte do famoso estilista Markito, a doença ganhou mais notoriedade, e a soropositividade tornou-se um sinônimo da homossexualidade. Em seguida, a preocupação com o aumento dos casos já fazia parte do cotidiano da população, das manchetes, e, por conseguinte, essa realidade passou a ser retratada em campos como o da cinematografia e o da literatura.

Anselmo Peres Alós, também líder do Grupo de Pesquisa “Trânsitos teóricos e deslocamentos epistêmicos: feminismos, estudos de gênero e teoria *queer*”, sempre evidenciou em seus trabalhos e pesquisas as parcelas sociais que historicamente são esquecidas e desprezadas. Desde seu doutorado em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), sua pesquisa como Professor Associado no Departamento

de Letras Vernáculas da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) rompe uma barreira ainda muito presente na academia, discorrendo sobre questões como raça, gênero e sexualidade no campo dos estudos literários.

Autor de *A letra, o corpo, e o desejo: masculinidades subversivas no romance latino americano* (2013), Alós traz ao público, dessa vez como organizador, o livro *Poética da masculinidade em ruínas: o amor em tempos de aids*. A obra, lançada no ano de 2017 através do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Maria (PPGL/UFSM), tem como propósito apresentar ao leitor uma coletânea composta por treze artigos de diferentes autores e pesquisadores. Nesse compilado de estudos, histórias são contadas, existências (re)lembradas, e questionamentos exteriorizados, conduzindo o leitor a contemplar perguntas, hipóteses e reflexões embasadas tanto no campo social, quanto no teórico. Presente na *orelha* do exemplar físico, a citação abaixo ilustra as interrogações que o livro busca responder:

Haverá uma poética do corpo e da subjetividade avessa à heteronormatividade nas artes brasileiras? Caso haja, tal poética estaria calcada na homogeneidade dos recursos literários mobilizados para textualização das experiências de vida de gays, lésbicas ou travestis, ou estaria ela calcada na heterogeneidade de estratégias poéticas de representação? Como estes artefatos simbólicos lidam com questões como o compromisso com a cultura nacional na qual foram geridos, bem como com a liminaridade entre o erudito e o popular; entre o nacional, o transnacional e o estrangeiro; ou ainda, entre a masculinidade, a feminilidade e a androginia? Como as fronteiras de gênero, raça, classe e orientação sexual são atravessadas, borradas, rasuradas e problematizadas nestas poéticas visuais e narrativas? (ALÓS, 2017 [s. p.]).

Resgatando narrativas carregadas de representatividade social e política, os artigos que constituem o livro possuem em média vinte páginas. O primeiro deles, intitulado “Poéticas da masculinidade em ruínas: a literatura e o amor em tempos de aids”, é uma introdução redigida por Alós para apresentar a obra e o fio condutor que conecta todos os capítulos: as divergentes representações e realidades da homossexualidade e o período da epidemia da aids, principalmente no campo da literatura. Após apresentar de maneira mais aprofundada os fundamentos centrais dos estudos de gênero desde sua gênese, citando obras e conceitos de Judith Butler, Kathy Rudy, Monique Wittig, entre outros escritores, o autor contextualiza o que será abordado em cada capítulo e os porquês de suas escolhas, fomentando uma curiosidade no leitor, que começa, gradativamente, a imergir no contexto histórico e antropológico

dos estudos a respeito da literatura e homossexualidade. Com uma base teórica que visa aprofundar aspectos históricos e culturais, sem tornar a leitura cansativa e dura, o organizador destaca-se ao trazer informações que estimulam seu público a analisar com atenção cada artigo.

Partindo da história de Reinaldo Arenas, presente no segundo capítulo, intitulado “*Reinaldo Arenas: o menino inoportuno de Cuba*”, as autoras Bárbara Loureiro Andreta² e Mônica Saldanha Dalcol³ adentram na autobiografia póstuma de Arenas, intitulada *Antes que anochezca*. O texto resgata acontecimentos desde a infância até os dias que antecederam o falecimento do escritor, que dedicou sua vida a combater o regime comunista e a política de Fidel Castro. Questões como a sexualidade do cubano, amigos e inimigos que participaram de sua história como indivíduo são dissecadas pelas pesquisadoras.

“*A convencionalidade violenta dos gays no cinema brasileiro e o contraponto não convencional de Highsmith*”, artigo de número três, assinado por Rosimeri Aquino da Silva⁴ e Fernanda Bittencourt Ribeiro⁵, difere-se dos demais artigos da coletânea por explorar as representações caricatas, e muitas vezes ofensivas, de personagens homossexuais no mundo da dramaturgia nacional. O contraponto que destoia dessa realidade estereotipada, analisado minuciosamente pelas autoras, é o personagem Tom Ripley, protagonista dos romances policiais da escritora norte-americana Patricia Highsmith. A citação abaixo apresenta as indagações norteadoras para as análises realizadas que compõe este estudo:

Como personagens cujas sexualidades destoam da heteronormatividade são representados em linguagens cinematográficas? Quais são as fusões estabelecidas entre autores e suas obras, quando sobre eles pesa a denominação de homossexuais? Que relações podemos estabelecer entre personagens homossexuais e as figuras da violência contemporânea? (SILVA; RIBEIRO, 2017, p. 55).

² Mestranda do PPG-Letras da UFSM.

³ Mestranda do PPG-Letras da UFSM.

⁴ Doutora em Educação. Professora da Faced/UFRGS.

⁵ Doutora em Antropologia Social. Professora do PPG-Ciências Sociais da PUCRS.

Capítulos como “*Quando os arranjos familiares e as masculinidades entram em questão na escola*”⁶ e “*Cinco teses sobre a homofobia*”⁷ apresentam múltiplas faces da realidade social, pontuando as narrativas possíveis acerca de temáticas como o *queer*, a homofobia, as noções de família muitas vezes deturpadas pelo conservadorismo preconceituoso intrínseco na sociedade. Temáticas essas que, embasadas teoricamente, não poupam esforços para expor as verdades existentes, que, muitas vezes, são mascaradas/maquiadas em outras narrativas, por serem difíceis de tolerar.

As obras de Caio Fernando Abreu, autor sul-rio-grandense, assumidamente homossexual e diagnosticado como soropositivo no ano de 1994, são muito exploradas em *Poética da masculinidade em ruínas*. Os artigos “*Caio Fernando Abreu, Cíntia Moscovich e a representação das sexualidades*”⁸, “*Por onde andaré Irene? Micropolíticas do corpo, gênero e sexualidade em (outros) tempos de AIDS*”⁹, “*Dentro da lâmina veloz*”¹⁰, “*Retratos da fragilidade: reflexos da doença nas Cartas de Caio Fernando Abreu*”¹¹, e “*A aids em Os dragões não conhecem o paraíso (1988), de Caio Fernando Abreu*”¹² estão diretamente ligados à obra de Caio Fernando Abreu, seja analisando novelas e contos de sua autoria, ou discorrendo sobre sua trajetória pessoal após o diagnóstico positivo para HIV/aids, até seu falecimento no ano de 1996:

Tenho achado viver tão bonito. Talvez porque ande, como nunca, perto da ideia da morte. Continuo naquela ciranda de antibióticos (o terceiro). E as orelhas, embora melhores, purgando coisas. Acho que sim, como você diz, são as sujeiras que eu ouvi durante toda a vida. Está limpando. Mas, objetivamente, a Sandra-médica está começando a considerar a ideia, também, de fazer O Teste. E eu não sei se quero. Seria como querer um papel timbrado, firma reconhecida, dizendo que vou ser atropelado (“por esse trem da morte”, como dizia Cazuzza) daqui a algum tempo. (ABREU, 1995, p. 224).

⁶ De autoria de Marcio Caetano (FURG), Paulo Melgaço da Silva Junior (UFRJ) e Treyce Ellen Silva Goulart (mestranda no PPG-Educação da FURG).

⁷ Autoria de David William Foster (Arizona State University).

⁸ Autoria de João Luis Pereira Ourique (Professor Adjunto da Universidade Federal de Pelotas) e Ana Luiza Nunes Almeida (Mestre em Literatura Comparada pela Universidade Federal de Pelotas e doutoranda em Literatura Comparada na Universidade Federal do Rio Grande do Sul).

⁹ Autoria de Fernando Pochay (Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)).

¹⁰ Autoria de Ricardo Postal (Professor Adjunto de Literatura Brasileira na Universidade Federal de Pernambuco) e Emerson Silvestre (Mestrando em Teoria da Literatura na Universidade Federal de Pernambuco e Professor no Instituto Federal de Pernambuco).

¹¹ Autoria de Gérson Werlang (Professor de Música da Universidade Federal de Santa Maria).

¹² Autoria de Xênia Amaral Matos (Mestranda em Estudos Literários na UFSM).

Com debates essenciais, o livro assume e cumpre o compromisso de trazer a visibilidade e dar voz para as minorias excluídas através do preconceito e discriminação. Os diversos temas trabalhados por pesquisadores do Brasil inteiro resgatam reflexões acerca de acontecimentos e posicionamentos de quando os regimes heteronormativos são questionados e subvertidos. Por muito tempo as intolerâncias explícitas, veladas e disfarçadas ceifaram a liberdade de viver, expressar e amar de uma parte da sociedade. Livros como esse, que além de resgatar a história, expõe detalhes e análises teóricas de tempos agudamente trevosos, precisam ser lidos.

O conhecimento é a arma mais eficaz para acabar com a ignorância e, através de histórias e reflexões partilhadas, é possível encontrar acalento, (re)viver os saberes e lutas que não podem ser apagadas. Dessa forma, obras como *Poética da masculinidade em ruínas* fazem-se cruciais para que os estudos de gênero sigam ganhando seu importante, e necessário, espaço no meio acadêmico, preenchendo tantas lacunas e ajudando a sarar feridas que, por conta da discriminação, permanecem abertas até hoje.

REFERÊNCIAS

ABREU, Caio Fernando. **Cartas**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2002.

ALÓS, Anselmo Peres. **A letra, o corpo e o desejo**: masculinidades subversivas no romance latino-americano. Florianópolis: Mulheres, 2013.

ALÓS, Anselmo Peres (Org.). **Poéticas da masculinidade em ruínas**: o amor em tempos de AIDS. Santa Maria: PPGL/UFSM, 2017.